

Fronteiras e Pontes entre Psicologia Analítica e Psicanálise: Considerações sobre o Campo Analítico e Intersubjetividade.

por Roque Tadeu Gui

No período de 16 de dezembro de 1912 a 6 de janeiro de 1913, a tensão do relacionamento entre Freud e Jung atinge o clímax. A proposta de rompimento das relações pessoais parte de Freud em carta de 03.01.1913. (Carta F342). Em correspondência seguinte, Jung, em apenas três linhas, faz o único gesto que lhe parece possível, acedendo ao desejo de Freud (Carta J344, de 06.01.1913). “O resto é silêncio”.

Cem anos se passaram e as duas disciplinas, marcadas pelo cisma original protagonizado pelas duas importantes figuras, fizeram significativos aportes teóricos e técnicos ao estudo da psicologia profunda.

No âmbito da psicanálise, as emergentes discordâncias teóricas encontraram guarida num amplo espectro de reflexão e discussão que se desdobra até os dias de hoje. No campo junguiano, os trabalhos desenvolvidos pelas Escolas Clássica, de Desenvolvimento e Arquetípica (Samuels, 1989), trouxeram importantes contribuições ao legado de Jung.

Assim, os territórios já foram delimitados, os marcos de suas fronteiras estabelecidos e as identidades firmadas. Ambas as orientações definiram critérios de “reconhecimento” do que é ser um psicanalista ou um analista junguiano, através de consistentes padrões de formação, de “transmissão” do conhecimento analítico, e do exercício da análise psicológica.

Doravante, um dos desafios para o avanço da psicologia profunda consiste no estabelecimento de diálogo entre as tradições, a construção de pontes que permitam a fertilização cruzada dos dois campos, não abdicando das distinções, nem deixando de considerar os matizes teóricos e clínicos próprios de ambas as abordagens, mas estabelecendo conexões, ali onde exista uma intuição originária que possa dar asas à imaginação de analistas junguianos e psicanalistas.

O conceito de “campo analítico” parece-me ser uma dessas intuições presentes na obra de Jung sobre o processo de análise, ao ressaltar o caráter da mútua influência dos sistemas psíquicos de analista e analisando (Jung, OC XVI).

Por exigência de desenvolvimento do campo psicanalítico, Paula Heimann, psicanalista britânica, no início dos anos 1950, desenvolveu suas ideias sobre o papel da contratransferência na compreensão dos processos psíquicos do paciente pelo analista (Heimann, 1950). Teve como importante interlocutor, no campo da psicologia analítica, Michael Fordham, com o qual estabeleceu intercâmbios sobre o conceito de contratransferência.

Na década seguinte, anos 1960, dois analistas franco-argentinianos, Madeleine e Willy Baranger, seguidores e revisores críticos de Melanie Klein, propõem a “teoria do campo” (Baranger & Baranger, 1961). Partem do princípio de que a situação analítica gira ao redor de dois centros, o paciente e o analista, num “interjogo de transferência e contratransferência” (Baranger, 2004).

Os conceitos de “fantasia inconsciente” e “identificação projetiva”, antevistos por Jung (lembramos da “*participation mystique*”, conceito recolhido de Lévy-Bruhl), tornar-se-ão conceitos importantes para a compreensão do campo analítico. Nos anos 1970 e seguintes, novos aportes teóricos serão realizados, com a emergência do conceito de “terceiro analítico” dos psicanalistas Thomas Ogden (1994) e André Green (2008).

Podemos ouvir ecos dos estudos sobre a *Psicologia da Transferência* (Jung, OC XXVI), e dos *Estudos sobre Psicologia Analítica* (Jung, OC VII).

O Campo Analítico

O conceito de “campo” aplicado aos fenômenos psicológicos origina-se na psicologia da *Gestalt* e na obra de Kurt Lewin, mas os Baranger consideram a ideia útil para explicar a situação criada entre analisando e analista, sem perder as especificidades dos conceitos psicanalíticos. Para esses psicanalistas, “a situação analítica deve ser pensada não como o confronto entre um personagem indefinido e neutro – o que, no final das contas, significaria o paciente diante de si mesmo – mas como uma situação bipessoal, envolvida num processo dinâmico”. (Baranger & Baranger, 1961/1962, artigo reproduzido no Livro Anual de Psicanálise XXIV, São Paulo: Editora Escuta, 2010, p. 187).

Para o casal de psicanalistas, “nenhum membro da dupla é inteligível dentro da situação sem o outro”, reafirmando com isso a recomendação de Paula Heimann (1950) para a utilização da contratransferência como instrumento técnico para o conhecimento do inconsciente do analisando pelo analista.

Para Heimann, “a resposta emocional do analista a seu paciente dentro da situação analítica representa uma das ferramentas mais importantes para seu trabalho. A [contratransferência](#) do analista é um [instrumento de investigação dirigido ao inconsciente do paciente](#). [...] Diz Heimann: Se um analista tentar trabalhar sem consultar seus sentimentos, suas interpretações serão pobres” (Heimann, 1949).

Como disse, Michael Fordham, o mais psicanalítico dos analistas junguianos ingleses, se podemos cometer essa heresia, manteve importante interlocução com Paula Heimann, nos idos dos anos 1960, e estudou aprofundadamente o “[relacionamento transferencial recíproco](#)”, propondo a distinção entre [contratransferência ilusória e sintônica](#). A primeira é vista como neurótica e ocorre

quando conflitos inconscientes do analista são ativados em face dos conflitos do paciente (exige supervisão e autoanálise). A segunda é um estado no qual o analista está empática e intimamente sintonizado com o mundo interior do paciente, podendo vivenciar aspectos que ainda estão inconscientes para o analisando (Perry, 2002, p. 160).

Voltando aos psicanalistas, para eles, a situação analítica é, então, constituída por uma "estrutura espacial e temporal, [é] orientada por linhas de força e dinâmicas determinadas, tem suas leis evolutivas próprias, sua finalidade geral e suas finalidades momentâneas. Este campo é o objeto imediato e específico de observação. A observação do analista, sendo simultaneamente observação do paciente e auto observação correlacionadas, não pode se definir senão como observação desse campo”.

O que estrutura o campo bipessoal da situação analítica é essencialmente uma fantasia inconsciente da sessão, produzida pelo par analítico e para a sessão se desenvolver com sucesso é preciso que a fantasia básica do analista e do analisando coincidam. Podemos falar, então, de uma comunicação entre inconscientes.

De modo resumido, então, a situação analítica é um campo bipessoal, configurado pelo contrato terapêutico básico, o material apresentado pelo analisando, inclusive a função do analista diante desse material, e a fantasia bipessoal, que é objeto da interpretação. Essa fantasia não é a fantasia produzida pelo paciente, mas uma estrutura constituída pelo interjogo de processos de identificações projetivas e introjetivas e de contraidentificações, com seus limites, funções e características diferentes no paciente e no analista.

Ao utilizar a metáfora alquímica do “vaso analítico”, espaço imaginário no qual ocorrem as transformações dos elementos psíquicos (do analista e do analisando), Jung deseja ressaltar que os inconscientes do par analítico estão em contínua interação, a chamada *coniunctio*, que deverá em condições de sucesso – com a ativação da função transcendente – propiciar a geração do *filius philosophorum*, a lapis, ou a pedra filosofal. Na linguagem do “campo analítico”, trata-se da fantasia inconsciente da sessão, filho de ambos, analista e analisando.

O conhecido “quatérnio analítico”, descrito por Jung em “Psicologia da Transferência”, no qual o autor expõe as relações cruzadas entre as instâncias conscientes e inconscientes da dupla, é um documento clínico e histórico das antecisões de Jung sobre o campo analítico.

Analistas junguianos contemporâneos, por exemplo James Hall, (e.g. Hall, 1984) concordam com a ideia de que seja adequado referir-se à interação analítica como um **campo transformador** sem necessidade de especificar quem – se analisando ou analista – é o agente de transformação. Diz Hall: “Na verdade, é provável que ambos o sejam” (Hall, 1984). Embora não seja usual, na linguagem dos psicanalistas, referências ao processo de transformação do analista, por meio das interações com o paciente, fato é que o reconhecimento da importância dos fenômenos

contratransferenciais produz efeitos de ampliação da consciência de si mesmo por parte dos analistas. Dificilmente, um psicanalista negará esta conclusão.

Finalizando essa breve comunicação, na qual procurei muito rapidamente estabelecer uma ponte entre um importante conceito psicanalítico – o de campo – e as ideias junguianas sobre o processo analítico, convido-os à reflexão sobre o risco da rejeição de conceitos desenvolvidos no campo da psicologia profunda, por serem muitas vezes marcados com o “estigma” da teoria psicanalítica, e se estivesse aqui conversando com psicanalistas, alertaria para o perigo da rejeição de ideias junguianas, marcadas por preconceitos e desconhecimento. Andrew Samuels, outro analista junguiano com importante interlocução com o campo psicanalítico, chega mesmo a falar sobre “aqueles que são junguianos sem o saber”, referindo-se a autores psicanalíticos que desenvolveram conceitos fundamentados em intuições junguianas (Samuels, 1989). Melanie Klein, em sua época, chegou a ser criticada por um certo “junguianismo” de suas ideias. O fato é que a comunicação entre os dois campos representará, sem dúvida, uma poderosa reparação à cisão histórica da psicologia profunda para benefício da investigação clínica do inconsciente.

Como mensagem final, convido-os a assistirem a Conferência de Angela Mary Connolly, que acontecerá amanhã, quando poderemos aprofundar essa discussão. Sem que tivéssemos conversado a respeito, Angela e eu escolhemos a mesma temática para ser apresentada neste Congresso. Sem dúvida, um feliz evento sincronístico.

Referências

BARANGER, M.; BARANGER, W. (1961). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. (Baranger & Baranger, 1961/1962, artigo reproduzido no Livro Anual de Psicanálise XXIV, São Paulo: Editora Escuta, 2010, p. 187).

BARANGER, M. (2004). *La Teoria del Campo*. In *El Otro en la Trama Intersubjetiva*. Compilado por Leticia Glocer Fiorini (pp. 145-169). Buenos Aires: Lugar.

GREEN, A. (2008). *Orientações para uma Psicanálise Contemporânea*. Trad. A. M. R. Rivarola [et. al.]. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP. (Trabalho original publicado em 2002).

HALL, J. (1984). *Sonhos e transferência/contratransferência: o campo transformador*. In Stein, M. & Schwartz-Salant, N. (Orgs.), *Transferência Contratransferência* (2000). (Trad. M. R. de Oliveira). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1984).

HEIMANN, P. (1950). Sobre a Contratransferência. *International Journal of Psycho-Analysis*, Vol. XXXI (pp. 171-176).

JUNG, C.G. *Obras Completas de C. G. Jung*, editados por Leon Bonaventure, Leonardo Boff, Mariana Ribeiro Ferreira da Silva e Jette Bonaventure, volumes 1-18, referidos pela abreviatura OC seguida do número do volume ou brochura e parágrafo. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda.

MACGUIRE, W. (Org.)(1993). *A Correspondência Completa entre Sigmund Freud e Carl G. Jung*. Trad. L. Fróes e E. A. M. de Souza. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1974).

OGDEN, T.H. (1994). The Analytic Third: Working with Intersubjective Clinical Facts. *Int. J. Psycho-Anal.*, 75:3-19.

PERRY, C. (2002). *Transferência e Contratransferência*. In Young-Eisendrath, P. & Dawson, T. Manual de Cambridge para Estudos Junguianos (pp. 145-163). (Trad. D. Bueno). Porto Alegre: Artmed Editora. (Trabalho original publicado em 1997).

SAMUELS, A. (1989). *Jung e os Pós-Junguianos*. Trad. E. L. Salm. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1985).

Roque Tadeu Gui

roque.tadeu@gmail.com

Psicólogo Clínico e Psicoterapeuta Junguiano

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília (UnB)

Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB)

Analista em Formação pelo Instituto Junguiano de Brasília (IJBsB)